

## RESENHA

KARNAL, Leandro. **Pecar e perdoar: Deus e o homem na história.** 2. ed. Rio de Janeiro: Harper Collins Br, 2018.

Eduardo da Silva Melo<sup>1</sup>

 10.21665/2318-3888.v8n15p301-304

O autor usa da sua bem humorada persuasão para convencer o leitor, já na introdução da obra, que a religião não deve ser o que de mais importante o homem contemporâneo deve proteger, guardar e/ou alimentar. Ele aponta, no entanto, para a influência das religiões – especialmente as monoteístas – na formação moral e ética do Ocidente: “as ideias judaicas, cristãs e islâmicas de pecado embasam quase todo comportamento moderno, inclusive dos não religiosos” (p. 09).

Dividida em nove instigantes capítulos, a obra remete ao comportamento religioso da sociedade, que nasceu mediante escritos milenares. Esses influenciaram as normas familiares, jurídicas, etc., dos dias atuais. Dessa forma, o capítulo primeiro, o autor explica como as religiões – especialmente as monoteístas – contribuíram para conceber a sociedade de hoje. Ele usa a narrativa bíblica da criação para transmitir ao leitor o quanto está imbricada em nossa consciência coletiva o gosto pelo proibido e de como a noção de pecado adentrou em nossa sociedade: “Deus criou Adão e Eva e, com o pecado, Adão e Eva nos criaram” (p. 20).

O segundo capítulo faz críticas ao cristianismo. O autor demonstra que a religião cristã destoou, em vários momentos da História, daquilo que o nazareno Jesus pregou durante sua existência histórica – ou vida terrena – registrada nos evangelhos. Karnal também não deixa isento de reflexão o Decálogo judaico: “[...] se o texto que se imagina dado

---

<sup>1</sup> Bacharel em Serviço Social. Especialista em Gestão de Cidades e Políticas Públicas. Especialista em Docência no Ensino Superior. Membro do CMDCA e do CMMA. E-mail: eduardomelo.ser@hotmail.com.

por Deus aos homens fosse completamente divino e pouco inserido no humano, ele teria um defeito estrutural: não seria possível ser lido pelos homens” (p. 48). E ainda, traz à tona as incongruências e infertilidades dos códigos bíblicos que serviam (e servem) para o controle social. Ele faz, também, uma reflexão humorada e provocante explanação sobre o papel de Lúcifer na história do contexto bíblico.

No capítulo terceiro o autor inicia chamando o orgulho de pai de todos os pecados. Através do culto exagerado ao nosso eu, nascem os demais males sociais. É provável que o leitor não queira, publicamente, concordar com as reflexões de Karnal. Afinal, ele desnuda nossas boas ações, revelando o que há por trás de ações supostamente (e somente) caridosas. Na sequência, aborda os temas: inveja, vaidade, luxúria, avareza, dentre outros. Sobre a inveja, o autor a denomina como pecado envergonhado, pois, faz o pecador sentir-se menor que os demais e por isso ele se recusa a admitir que seja invejoso. Para ele “[...] invejar é reconhecer-se inferior, ser menos do que alguém. O invejoso tem uma dor profunda, que é o limite da sua capacidade, ou do que ele imagina que seja sua capacidade” (p. 68).

O capítulo quarto elenca os pecados relacionados ao corpo (matéria). Obviamente o autor não economiza nos gracejos. Ele chama a luxúria e a gula de pecados concretos. No decorrer desse capítulo, o autor faz apologia ao corpo e defende também o desejo como parte integrante do ser humano. Karnal aponta que “no momento em que são colocadas barreiras à água corrente do desejo, ele flui com intensidade pelas frestas do possível. O proibido restaura a adrenalina que o ortodoxo, o consentido e o usual tendem a diminuir” (p. 96).

No quinto capítulo, a análise e explanação de Leandro Karnal se dá sobre os extremos: excesso e falta. Ira, avareza e preguiça são os pecados abordados nessa parte da obra. “A ascensão do capitalismo tornou o acúmulo de bens um valor muito forte. Os avaros e mesquinhos foram se tornando os investidores que qualificam seus gastos [...]. Orgulho virou autoestima; avareza foi transformada em prudência financeira; a gula é o combate à anorexia” (p. 116). No decorrer do capítulo ele descreve situações pessoais e cotidianas, dentro da coletividade, em que o mesmo depara-se com os

‘pecados’ citados. O primeiro a ser refletido é a ira, após isso vem a avareza e por último a preguiça.

Karnal introduz o sexto capítulo falando sobre a necessidade humana de classificação e de controle. Ele deixa claro, num tom provocador, principalmente na página 126, que os católicos lerão esta obra. É uma certeza que o mesmo encara sem nenhuma surpresa. E prossegue sua reflexão adentrando nas águas renovadoras do perdão, enxergando-o como “um gesto que reconhece a fraqueza, a falibilidade e o embaraço humano estrutural diante do Bem” (p. 137). Ele cita as condicionantes divinas para que a misericórdia ocorra. Dessas, a mais importante é o arrependimento – a consciência do erro. O autor pormenoriza, no decorrer do capítulo, a ideia central do que o perdão é para os não-virtuosos.

Chegando ao capítulo de número sete, e com ele uma precisa análise acerca da dimensão do perdão, em contraponto aos atos pecaminosos. O autor faz um percurso reflexivo sobre as dores de Jesus – desde o nascimento até a cruz. Vale atentar que na página 151, no último parágrafo, o autor parece enganar-se sobre a reflexão que ele desenvolve acerca de cônjuges ressentidos. Na oitava linha do já mencionado parágrafo, ele refere-se ao desmentido como aquele que ganhará o crédito dos ouvintes, quando na verdade é o que desmente quem irá pontuar tal crédito. Leandro Karnal ainda abre um leque interessante, nesse capítulo, sobre a chatice. Define-a, argumenta sobre e combate-a. Chatos, segundo ele, são todos os repetitivos, os pretensiosos, os mal-humorados, os concorrentes, os catequistas, os desmedidos e os chatos por classificar outros chatos, mas alerta que “todo ser humano tem momentos de chatice, dependendo da fase ou do humor” (p. 159).

Nos capítulos oitavo e nono, o autor insiste em, primeiro: fazer o leitor pensar sobre os novos pecados, os seus antídotos – ou seja, as novas virtudes –, e a produção dos novos perdões; e, segundo: instigar o diálogo entre o imanente e o transcendente, o corpo e a alma, o presente e o eterno, a ciência e a fé. Além disso, tece gostosas e hilárias críticas (que Karnal faz questão de não chamá-las assim) aos empreendedores e coaches. O capítulo nono, traz ainda, um convite do autor a pensar sobre os orantes e os que não rezam. Ele aponta para uma reflexão racional sobre a oração, seja ela de petição, de

agradecimento, de expiação ou de contemplação: “quem reza pensa, e toma consciência” (p. 192).

Ao deparar-se com a página 195, o leitor encontra o teor conclusivo da obra. Citando inicialmente Santo Agostinho, Karnal expõe a saga aventureira na qual o livro foi gestado. Faz muitas provocações, e para os mais sensíveis ao riso, causa boas gargalhadas. É de se afirmar, categoricamente, que esse livro modifica a ótica de mundo daqueles e daquelas que dele se deliciam.

*Recebido: 20.03.2020*  
*Aprovado: 03.06.2020*